

Trabalho Docente e Organizações Educativas

organizadores

jorge adelino costa
antónio neto-mendes
alexandre ventura

apoio

Departamento de Ciências da Educação

Centro de Investigação em Educação e Ciências do Comportamento

universidade de aveiro



theoria poiesis praxis

Índice

APRESENTAÇÃO	11
Jorge Adelino Costa, António Neto-Mendes, Alexandre Ventura	
CONFERÊNCIAS	
<i>Private supplementary tutoring in comparative perspective: implications for the work of teachers and the operation of schools</i>	14
Mark Bray (Director do IIEP/Unesco, Paris)	
<i>No fio da navalha: as tecnologias políticas de reforma e a luta pela fabricação da alma dos professores</i>	29
António Teodoro (Universidade Lusófona, Lisboa)	
TEMA 1 – “O TRABALHO DO PROFESSOR-GESTOR”	
“A liderança transformacional nas escolas estatais e privadas – percepções dos professores”	39
Daniela Cunha	
“Da formação do professor-gestor no Brasil ao desafio da gestão democrática da educação”	51
Naura Syria Carapeto Ferreira	
“La gestión de la violencia en comunidades de alto riesgo: la perspectiva de los directores”	63
Roberto González Villarreal	

“Lideranças e percepções dos actores sobre os desafios e estratégias da escola: um estudo de caso” Catarina Neiva, Fernando Ilídio Ferreira	80
“O papel do professor-gestor na prevenção do <i>bullying</i> ” José Ilídio Alves de Sá	94
“O professor-gestor: fiel da balança das organizações escolares?” Fernando Luís Monteiro Bexiga	111
“Educadoras de infância e participação na gestão de agrupamentos” Clarinda Pessoa, Teresa Sarmento	122
“Intelectuais e gestão da educação a partir dos escritos de Antonio Gramsci” Anita Helena Schlesener, Roberta Ravaglio Gagno	138
“Os estilos de liderança dos líderes escolares da Região Autónoma da Madeira” António V. Bento	145
“A relação educativa docente na perspectiva da gestão” Terezinha Fátima Andrade Monteiro dos Santos	158
“As implicações da Norma ISO 9001:2000 no desempenho e liderança do gestor: cinco estudos de caso em escolas profissionais” Jorge Gamboa, Nuno Melão	170
“O director de escola no novo quadro das relações entre escolas e autarquias” Jorge Martins	183
“Relações e interações na gestão de um agrupamento de escolas: perspectivas dos professores do 1º ciclo” Helena Carvalho dos Santos, Fernando Ilídio Ferreira	195

“A avaliação externa, o novo regime jurídico de administração e gestão e a liderança nas escolas”	205
Maria Cristina Coimbra	
“A globalização, a reforma universitária e a concepção de universidade: o contexto da formação do professor-gestor”	220
Eduardo Búrigo de Carvalho, Maria da Graça Nóbrega Bollmann	
“O professor-gestor – mediador, representante, ou par na organização escolar?”	226
Paulo Bernardo, Florbela de Sousa	
“Planificando uma escola positiva: guia para elaboração de projectos educativos”	240
Amélia Loureiro, Ana Maria Patrício, Bruno Diniz, Ermelinda Vilela Cruz	
“O presidente do conselho executivo como líder pedagógico e gestor administrativo. Reflexões sobre o quotidiano de um professor-gestor”	255
Patrícia Castanheira, Jorge Adelino Costa	
TEMA 2 – “O TRABALHO DO PROFESSOR E A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA”	
“A educação sexual e projecto educativo de escola: os desafios de transformar políticas em intervenção educativa”	264
Rosana Patané	
“A redefinição do trabalho docente: reflexão breve em torno e a partir da organização escolar”	281
Ariana Cosme	
“Configurações múltiplas: dilemas, negociação e compromissos na atribuição de serviço docente”	296
Fátima Antunes, Virgínio Sá	
“La organización del taller de estudio asistido como recurso educativo para lograr una educación de calidad”	313
Antonio Fabregat Pitarch, Isabel M ^a Gallardo Fernández	

“O papel do professor no desenvolvimento vocacional do aluno”	324
Maria Elisa G. Guahyba de Almeida	
“A organização pedagógica democrática ainda tem lugar na escola”	332
Manuela Sampaio	
“A utilização das TIC na organização e gestão do trabalho dos professores: potencialidades da utilização do e-mail institucional”	343
Manuel Flores, Graça Pereira, António Rodrigues	
“Avaliação de escolas: que perfil de professor?”	356
Anabela Sousa, Manuela Terrasêca	
“Democracia e/ou burocracia? A teia e a trama do trabalho colegial e individual dos professores”	366
Raquel Dinis, Luísa Alonso	
“O desafio dos cursos profissionalmente qualificantes nas escolas públicas”	385
Luísa Orvalho, Rosa Silva	
“A autonomia das escolas e as aulas de substituição – que espaço para a participação?”	403
Lília Carvalho, Teresa Sarmento	
“A interacção escola-família: factores influentes e dinâmicas organizacionais desenvolvidas pelos professores”	421
Manuela Sabino	
“A organização do trabalho pedagógico na educação infantil: desafios e perspectivas”	435
Roberto Sanches Mubarak Sobrinho	
“A relação pedagógica e a liderança – o papel do director de turma”	450
Laura Brito	

“La asamblea como eje vertebrador de la organización del aula de educación infantil” Isabel M ^a Gallardo Fernández	464
“Projecto Curricular de Turma: par ou ímpar” Lídia Sanches Mota	478
“Os desafios do professor no contexto do ensino online” Felipa Lopes dos Reis, António Eduardo Martins	489
“Avaliação processual e contextual em educação pré-escolar – desafios ao desenvolvimento profissional” Gabriela Portugal, Paula Santos, Aida Figueiredo, Sónia Góis, Ofélia Libório, Natália Abrantes	500
“El trabajo colaborativo de los profesores para el logro de los fines educativos del nivel básico en la escuela” Marcelino Guerra Mendoza	512
“O abandono escolar e o papel dos professores no quadro de uma organização pedagógica burocrática da escola” Joel Costa Ferreira	528
“O professor gestor e a formação de lideranças na realidade brasileira” Roberta Ravaglio Gagno, Anita Helena Schlesener, Verônica Roncelli	538
“O professor-gestor e o direito à construção da ação educativa do deficiente mental no Brasil” Marise Silvério Mendes, Naura Syria Carapeto Ferreira	547
“O significado do projeto pedagógico a partir das representações sociais dos professores” Alberto Cervellini Filho	558
“Práticas pedagógicas democráticas na primeira etapa da educação básica” Manuela Sampaio	570

“A educação corporativa na escola: sua influência no trabalho docente em uma instituição de ensino técnico-profissional de Rio Claro”	578
Rodrigo Buzin Siqueira do Amaral, Itamar Mendes da Silva	
“Avaliação interna integrada dos agrupamentos e escolas secundárias do concelho da Maia”	590
Paula Romão	
“Coordenação pedagógica na rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul: reflexões sobre a prática”	600
Eni Vian	
“Escola de <i>área aberta</i> : olhares cruzados sobre uma história de inovação sem mudança”	612
Miguel Henriques Martinho, António Augusto Neto-Mendes	
“La función del maestro encargado de la acogida del alumnado inmigrante”	625
José Rodríguez Martínez, Ana Isabel Quián Roig	
“O coordenador de estabelecimento nos Agrupamentos de Escolas: obstáculos e desafios de uma gestão periférica”	636
Dora Fonseca de Castro, Jorge Adelino Costa	
“Pedagogia, cultura profissional e inovação na escola inclusiva. O desafio das equipas educativas”	642
João Formosinho, Joaquim Machado	
TEMA 3 – “A AVALIAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E OS RESULTADOS ESCOLARES”	
“A trajetória do professor universitário brasileiro nos cursos de Administração de Empresas em instituições de ensino privadas, sob a óptica das avaliações de curso do SINAES – Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior”	656
Carlos Alberto Araripe, Cleide Tavares de Oliveira Araripe, Paulo Jorge Moraes Figueiredo	

“Los profesores en la encrucijada de la evaluación: ¿aprobar exámenes o mejorar los aprendizajes de los alumnos?”	668
Lucía Rivera Ferreiro	
“Os resultados escolares e a avaliação do desempenho: avaliar para mudar ou mudar para avaliar?”	679
Maria Palmira Carlos Alves, Serafim Manuel Teixeira Correia	
“Reflectindo a mudança e reconstruindo a prática – a legitimidade moral do empenhamento”	694
Virgínia Costa Barroso	
TEMA 4 – “GÉNERO E TRABALHO DOCENTE”	
“A avaliação como uma das dimensões da prática docente: revelações de memoriais de alunos”	705
Ilda Estela Amaral de Oliveira	
“A capacidade para o trabalho e o bem-estar docente”	718
Maria do Céu Castelo-Branco, Anabela Pereira, Carlos Fernandes da Silva	
“As mulheres nos corredores do poder das organizações escolares de Macau: aspirações, dilemas, mitos e estratégias”	725
Ana Maria Correia, Jorge Adelino Costa	
“As representações de gênero no magistério: a “prevalência” do preconceito sobre o professor do sexo masculino”	740
Amanda O. Rabelo	
“Educadora de infância, mulher, mãe e presidente do conselho executivo: desafios de género na profissionalidade docente”	753
Orlanda Simões, Jorge Adelino Costa	
TEMA 5 – “REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O TRABALHO DOCENTE”	
“A imagem de si e o reconhecimento dos outros: o professor do 1º ciclo do ensino básico”	768
Paula Alves Quadros Flores, Joaquim José Escola	

“La imagen conflictiva de la actividad docente”	781
Ana Isabel Quián Roig, José Rodríguez Martínez	
“O trabalho do professor e a organização da escola na visão Romanelliana”	791
Maria Helena da Silva Virginio	
“Por um currículo de base histórico-cultural – 20 anos de discussão e implementação da proposta na rede de ensino de Santa Catarina: desafios para o futuro”	794
Juares da Silva Thiesen	
“Representações sociais de educadores de infância e agentes especializados sobre educação ambiental: um cruzamento de interesses e intenções?”	807
Raquel Maricato, Ana Pedro	
“Representações sociais sobre o trabalho docente”	819
Florbela Soutinho	
“O cuidar-educar na visão de formadores de educadores de infância brasileiros e portugueses”	830
Heloisa Helena Oliveira de Azevedo	
“Os direitos do aluno em contexto escolar”	845
Filomena Sobral, Lídia Grave-Resendes	
“Representações sociais dos docentes na relação escola/família”	856
Cristina Canha, António Maria Martins	
“Vivências e significações do adoecimento docente: intersecções entre as condições de vida pessoal e profissional do professor universitário”	868
Maria do Socorro C. de Lima	

“Actividades extra-escolares e representações sociais dos professores da sub-região da ria de aveiro, 1851-1947 - Abordagem preliminar” Manuel Ferreira Rodrigues	881
TEMA 6 – “O TRABALHO DO PROFESSOR EM CONTEXTOS NÃO ESCOLARES”	
“Un yacimiento importante de empleo para profesores y pedagogos: los centros de orientación y formación profesional municipales” Susana Molina Martín	891
“O mercado das <i>explicações</i> : procura, oferta e implicações nos resultados escolares” Teresa Silveirinha, Jorge Adelino Costa	905
“Ser professor e ser explicador: contributos para a análise de uma realidade pouco conhecida” Sara Azevedo, António Neto-Mendes	917
“Os educadores de infância e a componente de apoio à família” Celeste Madail, Jorge Adelino Costa	928

Tema 2

“O trabalho do professor e a organização pedagógica da escola”

LA ORGANIZACIÓN DEL TALLER DE ESTUDIO ASISTIDO COMO RECURSO EDUCATIVO PARA LOGRAR UNA EDUCACIÓN DE CALIDAD

Antonio Fabregat Pitarch

Escola de Artesanos de Valencia, Espanha

Isabel M^a Gallardo Fernández

Universitat de Valencia, Espanha

RESUMEN

El Taller de Estudio Asistido (TEA) tiene como objetivo general instaurar hábitos de trabajo y organización a través de las tareas escolares. Sirve de refuerzo, orientación y apoyo al alumnado del centro -tanto de educación primaria como de secundaria- que por motivos socioculturales tienen dificultades para seguir el Currículum prescrito así como para desarrollar las tareas realizadas en la dinámica de clase.

A través del diseño del TEA pretendemos garantizar la atención a los colectivos más vulnerables para mejorar su formación y prevenir los riesgos de exclusión social. Se trata de lograr el acceso a una educación de calidad para todos/as y paliar las necesidades del alumnado asociadas a su entorno sociocultural.

Somos conscientes de la situación de desventaja educativa por parte de algunos alumnos/as de nuestro centro que, por circunstancias de carácter personal o sociocultural,

en ocasiones, van asociadas a situaciones de riesgo o marginación del entorno en que viven.

Desde hace tres cursos escolares las Escuelas de Artesanos de Valencia implantaron las actividades de refuerzo dentro del horario lectivo del alumnado. Con el esfuerzo de todos, año tras año, se intenta mejorar el sistema organizativo del Centro. Por ello, y para que avancemos hacia una mejor calidad en la atención a la diversidad, en el presente curso académico 2007/08 nos hemos propuesto introducir un recurso educativo que permita un mayor aprovechamiento de los conocimientos impartidos en las aulas, en las propias actividades de refuerzo y en compensación educativa, así como las técnicas de estudio desarrolladas desde los planes de acción tutorial. El marco de estas actuaciones lo denominamos *Taller de Estudio Asistido* (TEA). Es ésta, una propuesta educativa que pretende dar respuesta a algunas de las necesidades de nuestro alumnado fuera del horario escolar ya que prioritariamente van dirigidas al alumnado con menor atención o supervisión familiar.

El coordinador de todo el proceso será el tutor de cada uno de los alumnos participantes en colaboración con los respectivos equipos docentes. Se crea un clima rico en estímulos de trabajo, ordenado y que favorezca la cooperación, la ayuda y el intercambio de saberes. Tratamos de desarrollar actitudes positivas tanto para el aprendizaje como para la convivencia dentro y fuera del centro.

INTRODUCCIÓN

“Necesitamos educar para la comprensión de las otras personas, culturas y civilizaciones.

Las relaciones humanas no pueden progresar sin un progreso de la comprensión”. Entrevista a E. Morin, 2005 (*Cuadernos de Pedagogía* nº 342, p. 45).

El aspecto que define la vida cotidiana en los centros escolares es la presencia simultánea de muchos actores y acontecimientos. Los centros son espacios que, más allá de compartir un mismo territorio y una época histórica, están presididos por un conjunto de regulaciones que les prestan cierta homogeneidad. Su condición es estar habitados por sujetos con manifiestas diferencias de edad, sexo, nivel de conocimientos, origen social, experiencia laboral, creencias, etc. “La complejidad de los centros escolares está asociada también a la imprecisión de los resultados y a la demora de su verificación que, en último extremo, llegará a producirse años después de que los alumnos los abandonen” (Beltrán y San Martín, 2000: 36).

La organización de un centro escolar tiene una gran trascendencia en el alumnado para poder lograr los fines de la educación. La organización será el instrumento que una Institución educativa debe utilizar para poder disminuir la tasa de abandono y fracaso escolar. Así a través de ella podremos conseguir una enseñanza de calidad capaz de atender a la diversidad.

En nuestra opinión la transformación de la escuela no puede ignorar las cuestiones organizativas porque toda la ordenación general del sistema educativo se materializa en centros escolares, es decir, en organizaciones. Y la institución escolar refleja el orden educativo de una sociedad.

“La organización escolar necesita crear espacios de organización que posibiliten el normal desarrollo del curriculum y favorezcan cualquier proyecto de mejora. También necesita abrir espacios de debate, de negociación, de encuentro, que posibiliten la acción didáctica de un modo satisfactorio para las partes, más allá del estudio de los elementos institucionales y materiales de la escuela” (Álvarez Méndez, 2001: 90).

La Enseñanza Secundaria Obligatoria -o mejor dicho los profesionales que trabajamos en este nivel educativo- no hemos de olvidar que la ESO tiene como objetivo el transmitir al alumnado los elementos básicos de la cultura para formarles y para que sepan cuáles son sus derechos y sus deberes como ciudadanos y, por supuesto, con la finalidad de prepararles para la vida cívica. O sea, es una enseñanza general para los adolescentes para que se incorporen como ciudadanos autónomos en la vida activa.

Sin embargo, como dice López Melero (1993, 1995 y 1996, 1999, 2000) nos encontramos con una “escuela selectiva que valora más las capacidades que los procesos; los agrupamientos homogéneos que los heterogéneos; la competitividad que la cooperación; el individualismo que el aprendizaje solidario; los modelos cerrados, rígidos e inflexibles que los proyectos educativos abiertos, comprensivos y transformadores; se apoya en modelos tecnicistas y no en modelos holísticos y ecológicos; se enseñan contenidos académicos, como medio de desarrollar habilidades y destrezas, y no contenidos culturales y vivenciales, como instrumentos para adquirir y desarrollar estrategias que les permitan resolver problemas de la vida cotidiana...”

Ante la compleja realidad que vivimos, en los centros escolares de hoy hemos de evitar la homogenización. Para ello, es necesario organizar espacios en los que poder agrupar alumnos/as con unas necesidades especiales, es decir, alumnos/as que presenten algún retraso escolar asociado a dificultades y problemas de aprendizaje como bajas expectativas académicas, escasa participación en las actividades ordinarias, ausencia de hábitos de trabajo, etc. Se trata de alumnos/as que no logran avanzar adecuadamente y lograr los objetivos propuestos sólo con las actividades ordinarias y requieren por tanto, una atención especial.

A través de medidas de refuerzo y de apoyos educativos en la enseñanza obligatoria podremos intervenir directamente motivando al alumnado y compensando las posibles carencias detectadas de diferentes ritmos de aprendizaje, hábitos de estudio y planificación de su tarea diaria como alumnos.

Nuestro centro, la **Escuela de Artesanos de Valencia**, ha establecido un conjunto de actuaciones y medidas organizativas a través de apoyos y refuerzos y ha proporcionado a su alumnado una de las respuestas educativas que más se ajustaba a las necesidades de una parte de su alumnado.

Hace ya tres cursos escolares que las Escuelas de Artesanos de Valencia han implantado actividades de refuerzo dentro del horario lectivo del alumnado. Fruto del trabajo conjunto de los docentes y con el esfuerzo de todos, año tras año, se intenta mejorar el sistema organizativo. Por ello, y para que avancemos hacia una mejor calidad en la Atención a la diversidad, en el presente curso académico 2007/08 nos hemos propuesto introducir un recurso educativo que permita un mayor aprovechamiento de los conocimientos impartidos en las aulas, en las propias actividades de refuerzo y en compensación educativa, así como las técnicas de estudio desarrolladas desde los planes de acción tutorial. El marco de estas actuaciones lo denominamos: Taller de Estudio Asistido (TEA).

Este refuerzo tiene una aplicación limitada de un curso escolar en la que el Departamento de Orientación ha diseñado dicho Taller y en el que ha implicado a varios miembros de la Comunidad Educativa (Jefatura de Estudios, Departamentos, Profesorado de Ciclo y tutores).

Estas actuaciones se dirigen a todo el alumnado, y a toda la comunidad educativa, pero con una especial sensibilidad a los alumnos con menor atención o supervisión familiar. Es por tanto, una propuesta educativa que

quiere dar respuesta a algunas de las necesidades de nuestro alumnado fuera del horario escolar.

El Taller de Estudio Asistido tiene como objetivo general instaurar hábitos de trabajo y organización desde la realización de las tareas escolares cotidianas.

Para conseguirlo el equipo de profesores que participa en el Taller de Estudio Asistido ha de:

- Reforzar los hábitos escolares: organizar y planificar las tareas escolares.
- Ayudar al alumnado a desarrollar actitudes positivas para el aprendizaje.
- Favorecer la integración del alumnado.
- Hacer el seguimiento individualizado de cada alumno/a.
- Tener un control de las asistencias y ausencias.
- Realizar una evaluación continua de todo el proceso

Y para poder desarrollar estos objetivos es necesario crear un clima amable, rico en estímulos de trabajo, ordenado y que favorezca la cooperación, la ayuda y siempre que sea posible, el intercambio de conocimiento. Se trata de que los alumnos/as participantes no lo vivan como un castigo sino como una oportunidad y ayuda para poder avanzar cada uno en su propio proceso de aprendizaje.

Para poder atender a esos alumnos/as con necesidades educativas especiales se ha planteado el refuerzo y apoyo educativo como medida educativa de atención a la diversidad.

Concebimos la escuela como una organización integradora, en la que se considera al currículum como un instrumento sometido a un continuo proceso de revisión y reorganización, que da gran importancia a las diferencias individuales y al contexto en que se desarrolla.

1. OBJETIVOS DEL TALLER ESTUDIO ASISTIDO (TEA)

Los objetivos generales que se pretende conseguir desde el TEA son:

- Prevenir las dificultades de aprendizaje de los alumnos/as.
- Facilitar la adquisición de hábitos de organización y constancia en el trabajo.
- Conseguir una mejor integración social del alumnado tanto en el Grupo-clase como en el Centro.
- Mejorar los resultados académicos y facilitar la obtención del Título de Graduado en Enseñanza Secundaria para todos los alumnos/as.
- Evitar en la medida de lo posible el abandono y el fracaso escolar.
- Aumentar las expectativas académicas y profesionales de los alumnos/as a los que se dirige el TEA.
- Propiciar un clima adecuado de convivencia en el centro de modo que sea posible disminuir el nivel de conflictividad entre el alumnado y el profesorado, el alumnado entre si y el alumnado y las familias.

2. DESARROLLO DE LA EXPERIENCIA: EL TEA EN LAS ESCUELAS DE ARTESANOS DE VALENCIA

Los alumnos necesitan ayuda para desarrollar su comprensión de nuevas ideas y maneras de comprender y relacionarlas con su propia experiencia del mundo (Barnes, D. 1994).

Asumir que la educación es un medio para favorecer en el alumnado la comprensión y transformación de su realidad personal y social, significa que cualquier actividad educativa realizada en la escuela o fuera de ella no puede, quedar en una simple transmisión de información sino que ha de aspirar a ser un proceso comprensivo que oriente a los jóvenes en el marco de una sociedad democrática, divergente y plural. Pero esto sólo será posible si la escuela es capaz de construir una nueva cultura escolar inspirada en la comprensión y en el respeto de la diferencia y basada en la participación activa y democrática del alumnado en la vida escolar.

En este sentido Darling-Hammond (2001: 42) considera que “crear un sistema escolar capaz de educar para la sociedad contemporánea requiere enseñar para la comprensión (enseñar a todos los estudiantes a comprender las ideas de manera profunda y también a operar con ellas de modo efectivo) y *enseñar para la diversidad*. Es decir, enseñar de manera tal que se

ayude a diferentes aprendices para que encuentren vías provechosas de acceso al conocimiento, al mismo tiempo que aprendan a vivir juntos de manera constructiva”. La enseñanza entendida como una construcción social, es una actividad intencional y contextualizada, diseñada para dar lugar al aprendizaje de los alumnos. La situación que nos interesa es algo más que la relación de acciones instructivas por parte del profesor y la relación de efectos de aprendizaje en los alumnos. Nos interesa más bien el entramado de acciones y efectos recíprocos que se generan en las situaciones instructivas; donde el diálogo, la negociación y el consenso sean algo más que una simple declaración de intenciones para convertirse en la base de la actividad educativa.

Este Taller de Estudio Asistido (TEA) sirve de Refuerzo, Orientación y Apoyo y pretende paliar las necesidades asociadas al entorno sociocultural del alumnado.

Siendo conscientes de la situación de desventaja educativa por parte de algunos alumnos/as de nuestro centro por circunstancias de carácter personal o sociocultural, asociadas con frecuencia a situaciones de riesgo o marginación en el entorno en que viven y por otro lado pretendemos lograr una educación de calidad para todos, de manera que creemos conveniente a través del diseño del Taller de Estudio Asistido (TEA) contribuir a debilitar los factores generadores de la desigualdad, garantizar la atención a los colectivos más vulnerables para mejorar su formación y prevenir los riesgos de exclusión social y lograr así el acceso a una educación de calidad para todos/as.

Entendemos por atención a la diversidad el conjunto de propuestas curriculares y organizativas que intentan dar respuesta a las necesidades educativas de todos los alumnos del Centro. La atención a la diversidad tiene, por tanto, un doble carácter, preventivo de las dificultades y de atención a las mismas.

Corresponde al conjunto de profesores la elaboración, realización, evaluación y puesta en práctica de este Proyecto, aunque consideramos indispensable la colaboración de los alumnos, y sobre todo de sus familias, en su desarrollo.

Con este Programa nos proponemos **mejorar la atención educativa** de alumnos repetidores de 1º de E.S.O. que aunque trabajan cuando se les presta atención individualizada, les falta hábitos de estudio y tienen cierto desfase curricular que les impide conectar con los contenidos propios de su curso de referencia. Se trata de alumnos desmotivados, con sensación de fracaso y, en algunos casos, proclives al absentismo escolar.

Pretendemos, **partir de los contenidos que estos alumnos dominan**, referidos a las áreas instrumentales, **reforzarlos** y **ampliarlos** para que, a partir de ahí, puedan seguir progresando en los objetivos de la etapa. El profesor/a adaptará los contenidos, metodología, evaluación, para que los alumnos puedan alcanzar los objetivos propios del nivel. Se van asentando conocimientos básicos de manera que el curso próximo puedan incorporarse, con garantías de éxito, a 2º de ESO.

Organización:

El Programa se centra en el **apoyo individual**, en **pequeño grupo**, de las **áreas instrumentales**: Inglés, Matemáticas, Lengua, en el convencimiento de que si estos alumnos mejoran en estas áreas, ello influirá muy positivamente en el resto de las materias.

El coordinador de todo el proceso será el tutor de cada uno de los alumnos participantes en colaboración con los respectivos equipos docentes. Se crea un clima rico en estímulos de trabajo, ordenado y que favorezca la cooperación, la ayuda y el intercambio de saberes.

El agrupamiento es **flexible** porque permite que se puedan incorporar alumnos a lo largo del curso y que puedan abandonar el grupo quienes vayan alcanzando los objetivos señalados.

Cada tutor podrá decidir si algún alumno sale o entra en el Programa cuando considere que sus necesidades educativas estarán mejor atendidas si permanece en ese grupo.

Los padres se comprometen por escrito a colaborar en el control del estudio de sus hijos, en el establecimiento de hábitos de trabajo y estudio y a asistir a las reuniones

¿CÓMO FUNCIONA TODO EL PROCESO?

- Los equipos docentes de aula, dirigidos por los tutores, en las reuniones de evaluación inicial deciden que alumnado cumple los propósitos de esta medida.
- Los padres, previa comunicación por escrito, autorizarán la asistencia de sus hijos/as al TEA.

- Con todos los alumnos autorizados, el Coordinador de Etapa organizará la medida. Al profesorado implicado en el taller, le facilitará los datos de los alumnos/as que disfrutarán de la medida y le explicará el procedimiento, horarios y utilización de espacios.
- El profesorado del TEA esperará a los alumnos/as en el aula asignada, facilitará a los alumnos/as los materiales de consulta necesarios (diccionarios, enciclopedias, materiales varios...) y actuará acorde al espíritu de esta medida.
- Cuando finalice la hora diaria asignada al TEA, cumplimentará los documentos de seguimiento de los alumnos/as participantes.
- El profesor de aula al día siguiente observará, si su tarea es la realizada el día anterior, si ésta se ha completado. Para posteriormente poner en marcha todos los procedimientos de refuerzo positivo comentados.
- El tutor semanalmente observará la asistencia y aprovechamiento de la participación en el TEA.

3. FUNCIONES DEL PROFESORADO DEL TEA

Para un adecuado funcionamiento de las actividades de refuerzo desarrolladas en el TEA es necesario establecer una coordinación entre el profesorado que imparte el refuerzo y el de las áreas instrumentales. Se trata de asegurar la conexión y continuidad entre el trabajo que se realiza en el aula y el que se realiza en las sesiones de apoyo (TEA).

En todo este proceso es importante que todo el profesorado implicado participe en estas sesiones de coordinación. Por ello, la jefatura de estudios convocará una primera reunión de coordinación inmediatamente antes de constituirse los grupos de refuerzo y posteriormente otras con carácter mensual. Esta coordinación puede ser más frecuente siempre que el equipo docente lo considere necesario.

Los objetivos de la coordinación del profesorado serán:

- a) Analizar la evolución escolar del grupo de alumnos/as que asiste al TEA.
- b) Determinar el momento en el que, en su caso, el alumnado puede dejar de asistir al TEA.
- c) Realizar un seguimiento de los alumnos/as que asisten a las actividades de refuerzo valorando la consecución por parte del alumno/a de los objetivos previstos.
- d) Evaluar el funcionamiento del propio plan de refuerzo analizando:
 - El grado de cumplimiento de las sesiones de refuerzo programadas.
 - La pertinencia en la toma de decisiones sobre la permanencia o no de cada alumno/a en el refuerzo para la siguiente evaluación en función de su evolución.

Corresponde al conjunto de profesores la elaboración, realización, evaluación y puesta en práctica de este Proyecto, aunque consideramos indispensable la colaboración de los alumnos, y sobre todo de sus familias, en su desarrollo.

El profesorado en *su intervención* habrá de priorizar algunos aspectos en el alumnado tales como: la participación e interacción en el grupo-clase, la motivación y gusto por los aprendizajes, fomentar hábitos de trabajo,...etc. Entre las funciones prioritarias del profesorado estarán las de mediar, despertar el interés, provocar la curiosidad siendo consciente de que nuestros alumnos/as aprenden más por lo que hacemos los adultos que por lo que decimos.

El profesor será por tanto, un facilitador, un guía y un intelectual crítico, cuya función es formar ciudadanos demócratas que sean capaces de afrontar los conflictos que se les presenten y adaptarse a la sociedad que les ha tocado vivir.

- Función motivadora: tanto individualmente como en el conjunto del grupo el profesor/a animará a la participación y a fomentar los hábitos de trabajo.
- Función de proximidad: con la atención individualizada se produce un contacto afectivo que aporta seguridad y ayuda personal a los alumnos/as que favorece una mejora de la autoestima.
- Función de supervisión: la supervisión, generalmente ausente en la cotidianidad de estos alumnos/as, es un elemento contrastado

empíricamente que favorece la consecución de metas y de hábitos. Es por ello que la asistencia y la realización de las tareas forman el objetivo específico nuclear de esta medida.

3.1. SEGUIMIENTO DE LOS ALUMNOS/AS PARTICIPANTES EN TEA

Dentro del TEA los responsables del seguimiento diario del alumnado es el profesorado del taller. Este seguimiento lo realizará a través de un documento específico (anexo 1) que cada alumno/a tendrá. Este documento estará en una carpeta custodiada por los bedeles, a la que tendrá acceso además, el profesorado, coordinadores de etapa y de orientación.

El coordinador de todo el proceso será el tutor de cada uno de los alumnos intervinientes, que además de comprobar semanalmente su asistencia y aprovechamiento, fomentará en su Equipo Docente actuaciones de refuerzo positivo hacia sus tutorados. Entre ellas destacamos:

- Concienciar al profesorado para que asigne tareas adecuadas al nivel de conocimientos y las capacidades del alumno/a.
- Diseño coherente de las tareas (bien estructuradas y explicitadas) que posibilite el que el alumno/a entienda y anote en la agenda, cuaderno... las fechas de entrega de trabajos, ejercicios....etc.
- Insistir en la importancia del refuerzo positivo: pedir las tareas el día siguiente a ser realizadas en el TEA y que se refuerce el hecho de

hacerlas y tenga un reconocimiento (poner un positivo, animarlo a continuar, felicitarle...).

- Transmitir la importancia de que el documento de seguimiento del alumno/a se cumplimente adecuadamente y que el profesorado lo compruebe antes de comenzar las clases.
- El profesorado habrá de comentar con cada alumno/a la evolución de su propio proceso en el TEA.

¿QUÉ ALUMNOS/AS DEJARÁN DE DISFRUTAR EL TEA?

- Aquellos alumnos/as que falten a más de una sesión semanal sin justificación (médica o administrativa), se le apercibirá y si reitera en su actitud dejará de asistir/disfrutar del TEA.
- Los que no tengan un aprovechamiento manifiesto (no realicen las tareas, se acojan a las normas establecidas, etc.) o no traigan el material necesario.
- Los que no tengan un comportamiento adecuado con profesores/as o compañeros/as.

4. REFLEXIONES A MODO DE CONCLUSIONES

Nosotros como profesionales de la enseñanza, tenemos que ir construyendo la escuela del siglo XXI. Una escuela que enseñe a pensar y a descubrir la cultura y la verdad. Una escuela que haga hombres y mujeres pensantes y sensibles a la diversidad y no meros intendentes. La cultura de la diversidad es un proceso de aprendizaje

permanente, donde todos hemos de aprender a compartir nuevos significados y nuevos comportamientos de relación entre las personas. La cultura de la diversidad es una manera nueva de educar (se) que parte del respeto a la diversidad como valor (López Melero, 1999). Se trata no sólo de ser tolerantes con la diferencia sino vivirla y felicitarnos por ella.

Siendo conscientes de la existencia en nuestras aulas de otro tipo de alumnado que presenta unas necesidades menos significativas, pero que, igualmente, era necesario atender, ya que sus dificultades de aprendizaje también podían conducirles al fracaso escolar. Nuestra labor educativa se ha centrado en la necesidad de atender a estos alumnos/as con necesidades especiales asociadas a carencias que de alguna forma condicionaban su proceso de aprendizaje, adoptando como medida educativa el diseño y puesta en práctica del Taller de Estudio Asistido (TEA).

Los profesores implicados en este Taller hemos atendido a todos los alumnos/as según sus necesidades y esto ha sido posible, con mucha dedicación tanto por nuestra parte como de las familias implicadas.

Para llevar a cabo esta experiencia, la organización del centro (horarios, espacios, materiales) ha tomado como referencia las necesidades del alumnado, dotándole de recursos, personal, materiales, etc., para desarrollar de forma sistémica y racional el taller de Estudio Asistido y poder lograr una enseñanza de calidad.

A partir del diseño e implementación del TEA hemos tratado de dar respuesta a esta necesidad real detectada, contribuyendo al desarrollo de esta medida de atención a la diversidad.

Nuestra experiencia ha sido satisfactoria y gratificante, ya que en las reuniones mensuales de seguimiento y evaluación del TEA observamos que nuestro alumnado es capaz de incrementar sus expectativas académicas y participar más en las actividades ordinarias de su aula, adquiriendo unos hábitos de estudio y trabajo. Ha mejorado también la convivencia en las aulas desde la puesta en práctica de asambleas.

Hemos pretendido conseguir una enseñanza más flexible que pueda proporcionar las ayudas pedagógicas necesarias que mejor se ajusten a la diversidad de los alumnos/as dadas sus características personales y sobre todo, hemos potenciado una enseñanza más abierta y comprensiva.

Esta experiencia ha permitido al profesorado poder reflexionar sobre la práctica docente cotidiana y en la observación sistemática constatamos que cuando el profesorado trabaja en equipo se enriquece mutuamente y mejora no sólo el diseño sino también la planificación y desarrollo de las tareas de enseñanza.

Somos conscientes que los cambios en las organizaciones son lentos y complejos pero hacen falta personas que trabajando en las Instituciones Escolares sean capaces de impulsarlos ya que a través de estas medidas no sólo

aprende nuestro alumnado sino también el profesorado. Y como dice Stenhouse (1987): “Serán los profesores quienes, en definitiva, cambiarán el mundo de la escuela, entendiéndola”

5. BIBLIOGRAFIA

Álvarez Méndez, J. M. (2001): *Entender la Didáctica, entender el Curriculum*. Buenos Aires: Miño y Dávila.

Barnes, D. (1994): *De la comunicación al currículo*. Madrid: Visor.

Beltrán Llavador, F (2005): *Travesías de las organizaciones educativas*. Valencia: Germanía.

Beltrán Llavador, F. y San Martín Alonso, A. (2000): *Diseñar la coherencia escolar*. Madrid : Morata.

Carantoña, E. (2007): *Igualdad y diversidad*. Madrid: LID

Darling-Hammond, L. (2001): *El derecho de aprender: crear buenas escuelas para todos*. Barcelona: Ariel

Edwards, D. y Mercer, N. (1988): *El conocimiento compartido*. Barcelona, Paidós.

Gairín Sallán, J. (1996): *La organización escolar: contexto y texto de actuación*. Madrid: La Muralla.

- Gimeno Sacristán, J. (1998): *Poderes inestables en educación*. Madrid: Morata.
- Fernández Enguita, M. y Gutiérrez Sastre, M. (2005): *Organización escolar, profesión docente y entorno comunitario*. Madrid: Akal.
- López Melero, M (1995): "Diversidad y cultura: una escuela sin exclusiones". *Revista Kikiriki*, 38, 26- 38.
- López Melero, M (1997): La escuela un lugar para pensar y para descubrir la cultura. En *La diversidad y la diferencia en la Educación Secundaria: Retos educativos para el siglo XXI*. Capítulo XI, pp. 227-269. Málaga: Aljibe.
- López Melero, M (1999): Ideología, diversidad y Cultura: una nueva escuela para una nueva civilización. En E. Rubio y L. Rayón (Eds.). *Repensar la enseñanza desde la diversidad*. Morón: M.C.E.P., 17-48
- López Melero, M (2004): *Construyendo una escuela sin exclusiones. Una forma de trabajar en el aula con proyectos de investigación*. Málaga: Aljibe.
- Lozano Martínez, J. (2007): *Educación en la diversidad*. Barcelona: Davinci
- Miralles Lucena, R (2005): "Entrevista a E. Morin: repensar la reforma, repensar el pensamiento". *Cuadernos de Pedagogía*, 342, 42-46.
- Reyzábal, V.(et al.) (2007): *Convivencia, conflicto y diversidad: propuestas didácticas para trabajar la convivencia en contextos diversos*. Madrid: Consejería de Educación, Dirección General de Promoción Educativa.
- Stenhouse, L. (1987): *La enseñanza como investigación*. Madrid: Morata.

título

Trabalho Docente e Organizações Educativas

Actas do V Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar

organizadores

Jorge Adelino Costa

António Neto-Mendes

Alexandre Ventura

design / serviços press e multimédia

Pheebz, Lda.

www.pheebz.pt

edição

Universidade de Aveiro

www.ua.pt

data

Dezembro de 2008

tiragem

500 exemplares

ISBN

978-972-789-281-5